

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
MULHER NEGRA, CABELO E EMPODERAMENTO:
UMA ANÁLISE DO SERIADO *SEXO E AS NEGAS*³⁴

Natália Godofredo de Oliveira (UNIGRANRIO)

natalia.godofredo@gmail.com

Maria Anselmo dos Santos (UNIGRANRIO)

maria.anselmo@hotmail.com

Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ; UNIGRANRIO)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar alguns momentos do discurso das quatro protagonistas do seriado *Sexo e as Negas* (2014), veiculado pela Rede Globo. O ponto central de nossa abordagem será o processo de empoderamento feminino, observando, em especial, as referências ao cabelo da mulher negra. Ao longo do segundo episódio, intitulado “O pente que te penteia”, percebemos o fortalecimento da alteridade das personagens Zulma, Tilde, Soraia e Lia, que têm entre suas principais comprovações simbólicas a valorização do cabelo crespo, evidenciando, em suas representações, o lugar de importância do cabelo como elemento identitário, atravessado pelas considerações sobre etnia e gênero.

Palavras-chave: Cabelo. Mulher negra. Empoderamento. Sexo e as negas.

1. Introdução

Os cabelos costumam ser reconhecidos como símbolo da feminilidade, do desejo e da sedução, um elemento indissociável da beleza e da imagem feminina. Em vários setores da sociedade brasileira, o padrão idealizado de beleza prima pelas características eurocêntricas e pela “branquitude”, através dos cabelos lisos e compridos. Baseados nestes aspectos, foram estabelecidos estigmas, conflitos e marcas de uma sociedade racista, que tem como padrão real uma população mestiça e majoritariamente negra. Inserida nestes contextos a população negra, principalmente as mulheres negras, se veem desvalorizadas em suas características estéticas e desqualificadas da possibilidade de beleza negra, seja pela sociedade, seja pelos meios de comunicação, que não lhe conferem representatividade.

³⁴ As discussões presentes neste artigo são parte integrante dos projetos de dissertação, em produção, intitulados Representações da mulher negra na teledramaturgia: o caso do seriado *Sexo e as Negas* e *Mulher negra e cabelo: da recusa à aceitação*.

Tendo em vista as construções simbólicas dos cabelos das mulheres, em especial o caráter identitário para as mulheres negras, este trabalho pretende analisar o episódio “O pente que te penteia”, do seriado *Sexo e as Negas* (2014), veiculado pela Rede Globo. O principal objetivo é analisar as representações e discursos das protagonistas referentes ao cabelo da mulher negra, ressaltando o caráter identitário e o empoderamento feminino.

2. A importância dos cabelos para as mulheres

Ao discutirmos a relevância dos cabelos para as mulheres, precisamos refletir sobre a questão de que a mulher é, acima de tudo, uma imagem. Segundo Michele Perrot (2007), a vida das mulheres é feita de aparências, regida por códigos que determinam os momentos de se mostrar e de se ocultar. Assim, cabe a mulher ser bela e se calar.

De acordo com Flávia Marques Rosário (2006), nas culturas ocidentais a feminilidade está estritamente ligada à beleza. É válido ressaltar que os padrões estéticos que definem os critérios de beleza variam de acordo com cada cultura. Neste contexto, o cabelo figura como um dos elementos indispensáveis na construção do feminino. Corroborando esta visão, Michele Perrot (2007) acrescenta que o cabelo concentra a sensualidade, a sedução e atíça o desejo.

No que se refere às representações dos cabelos das mulheres, as principais estão ligadas à proximidade com a natureza, a animalidade, ao sexo e ao pecado. Neste ponto, Michele Perrot (2007) recorda as constantes representações das extensas cabeleiras de Eva e Maria Madalena, presentes nas estátuas medievais e na pintura renascentista alemã. Há também um período de erotização dos cabelos, com destaque no século XIX, segundo a autora. Na época, marcada pelo dualismo “esconder/mostrar”, os cabelos representam “a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução e o pecado”. (PERROT, 2007, p. 55)

O ato de enfeitar ou cobrir os cabelos está ligado a convenções, de diferenciação e da moda. Segundo a autora, no século XIX, a mulher “de respeito” cobria a cabeça, já que aquelas que usavam o cabelo solto eram taxadas como vulgares, mulheres do povo. Nos séculos XVII e XVIII, os cabelos eram cobertos pelos suntuosos chapéus, que se assemelhavam a “bolos de noivas”. Posteriormente, os penteados entraram na moda, ainda prevalecendo em público o uso do cabelo preso, já que os cabelos soltos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

se restringiam ao espaço do lar, ou até mesmo, apenas ao quarto de dormir.

Com o objetivo de compreender o significado social do cabelo, Bouzón (2004, *apud* ROSÁRIO, 2006, p. 36) realiza um trabalho etnográfico nos salões de beleza da zona sul do Rio de Janeiro, entrevistando mulheres brancas, de 20 a 60 anos, e profissionais de beleza. O autor aponta que o cabelo arrumado assegura emocionalmente, protege dos julgamentos e da exclusão pela aparência. Além disso, compõe uma fachada pessoal e também serve para afastar uma pessoa do convívio com as outras. Este último está ligado a casos em que o indivíduo é tachado por ter um corte “cafona”, uma cor de cabelo “escandalosa”, ou cabelo “sujo” e “desgrenhado”.

Em sua etnografia, o autor ressalta que o comprimento do cabelo também tem um simbolismo, pois deve “combinar” com a idade das mulheres. Assim, para aquelas com mais de 50 anos, o uso dos cabelos compridos e franjas não é recomendado. Outro ponto do trabalho do autor destacado por Rosário (2006) é a relação entre os cabelos e determinadas situações sociais. Um dos exemplos citados é o ambiente de trabalho, em que se faz necessário um cuidado especial com o cabelo, com uso de cortes e tinturas sóbrias e penteados arrumados, quanto mais formal for o cargo ocupado.

Tendo em vista as representações e simbolismo em torno do cabelo, apresentado pelos autores, podemos corroborar Nilma Lino Gomes (2003c) em sua afirmação de que o cabelo é um dos elementos de maior visibilidade e destaque no corpo. De acordo com a autora, nos diversos grupos étnicos as características de crescimento, diferentes cores e texturas dos cabelos estão presentes e permitem as mais diferentes técnicas de manipulação do cabelo, não necessariamente ligadas a tecnologias sofisticadas. Entretanto, ressalta que o tratamento, a manipulação e a simbologia do cabelo variam para cada cultura. Dessa forma, apontando o caráter universal e particular, o cabelo figura como importante ícone identitário.

3. *Identidade negra, cabelo e empoderamento*

Em sua pesquisa, Nilma Lino Gomes (2003b) destaca que o cabelo e a cor da pele têm um papel de relevância na construção da identidade negra, influenciando a maneira com que o negro se vê e é percebido pelo

outro, mesmo aqueles que alcançam certo grau de ascensão social. Neste último caso, o cabelo ainda é visto como uma marca de inferioridade, dando o forte caráter identitário.

Tratar sobre o corpo e o cabelo torna inevitável a abordagem da identidade negra, segundo a autora, visto que esta identidade é concebida como um processo interno, do olhar do negro para si mesmo e seu corpo, e externo, baseado na relação com o outro e aquilo que está fora. É baseada nessa relação tensa, conflituosa e complexa, que a autora pensa o corpo e a estética negra.

No contexto dos processos identitários, a cor da pele pressupõe os aspectos morais, intelectuais e motores dos negros, segundo Kiusam Regina de Oliveira (2008). Isso porque essas características compõem o senso comum e a realidade social, na qual brancos e negros integram uma relação binária, em que o branco é bom, alvo e puro, enquanto o negro se caracteriza pelo mal, a escuridão e a impureza. Para a autora, os aspectos negativos e a não-existência atribuídos ao corpo negro, através das construções culturais e sua rede de significações, acabam por ser absorvidos pelos negros em algum momento de suas vidas, o que pode acarretar uma recusa de si mesmos: “Nesse momento em que sucumbe a essas fortes imposições sociais, inicia-se o terrível processo de autorrejeição tendo o próprio corpo negro, como objeto persecutório - a vergonha - surge como o centro da questão”. (OLIVEIRA, 2008, p. 27)

Tendo em vista a influência da cultura na construção dos significados do corpo e do cabelo negro, Nilma Lino Gomes (2003b) considera que eles podem ser vistos como “[...] expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra” (GOMES, 2003b, p. 2). Por isso, eles não podem ser vistos como simples dados ou características biológicas. Dessa forma, é importante destacarmos que, em seu trabalho, a identidade negra é percebida como uma construção histórica, em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo mito da democracia racial.

Partindo da realidade conflituosa da questão racial brasileira, o cabelo é uma das marcas expressivas da relação entre brancos e negros. Neste binômio, o segundo é posicionado como o que sofre o processo de dominação, no âmbito político, econômico e cultural, enquanto o branco ocupa a posição de dominante, de acordo com a autora. Neste contexto, Nilma Lino Gomes (2003b) e Ivanilde Guedes de Mattos (2015), apon-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tam que do cabelo negro é visto como “ruim”, enquanto o do branco é reconhecido como “bom”, expressando o racismo e a desigualdade, segundo os quais a cor da pele e a textura do cabelo determinam o grau de discriminação e o juízo de valor imposto aos negros.

No entanto, Nilma Lino Gomes (2003b) afirma que essas construções separatistas não são aceitas passivamente pelos negros, que buscam a ressignificação através da construção de práticas políticas e da reinvenção de práticas culturais. Dessa maneira, acredita que, na busca por mudar o cabelo, o negro almeja sair do posicionamento de inferioridade ou de sua introjeção. Outra possibilidade é o sentimento de autonomia, presente nas maneiras “ousadas e criativas” de utilizar o cabelo.

O contexto do uso e valores atribuídos ao cabelo é uma zona de conflitos e tensões, segundo a autora, pois consolida um padrão de beleza corporal real e um ideal, sendo que, no Brasil, este último é branco e o primeiro é negro e mestiço. Fato que, na visão de Kiusam Regina de Oliveira (2008), diverge da constituição social brasileira.

Em terra de negros e miscigenados como o Brasil, o valor de uma pessoa reside naqueles que fogem a essas características; na verdade, quanto mais branca for a pele e quanto mais liso for o cabelo, mais a pessoa encontra a valorização na mídia e nos diversos anônimos que compõem a sociedade. (OLIVEIRA, 2008, p.24)

Assim, aqueles que divergem do estilo elitizado de corpo, constituem um corpo marginal, segundo a autora. A auto identificação torna-se, então, um grande problema, dado que em uma população majoritariamente mestiça os padrões de beleza são fortemente europeizados.

Buscar um ideal de beleza ancorado na branquitude foi um sacrifício e resignação para muitas mulheres, segundo Ivanilde Guedes de Mattos (2015). Ao narrar os processos pelos quais as mulheres negras que iam ao seu salão passavam, a autora se remete ao passado, em seu trabalho. Estratégia justificada pela necessidade de retomar um período histórico no qual as formas de inverter os valores e normas que regiam o corpo negro eram mínimas, assim o ato de alisar os cabelos era uma “sentença”. Esta era uma prioridade para as mulheres, um impulsionador da inclusão social, para a qual buscavam se enquadrar em padrões estéticos eurocêntricos. Já na contemporaneidade, a autora acredita na possibilidade de uma “diversidade estética mais contemplativa”, baseada na insurgência de cabelos crespos e naturais, demonstrando uma ressignificação de estima e pertencimento. Isso não significa, no entanto, que a sociedade seja menos racista e discriminatória.

É válido ressaltar que, na opinião da autora, para algumas mulheres negras as alterações nos cabelos, em relação aos fios crespos e naturais, referem-se a uma busca por reduzir os danos causados pelos tratamentos capilares ou ainda pela relação de custo/benefício, sem nenhuma menção à afirmação da negritude. No entanto, para Ivanilde Guedes de Mattos (2015), ainda que não se trate de um processo de cunho identitário e afirmativo, aquelas que optam pelo uso dos cabelos crespos e cacheados contribuem e influenciam para que a sociedade passe a perceber as mulheres negras com novos olhares.

Ainda no que se refere à busca das mulheres negras para se encaixar nos padrões estéticos privilegiados pela sociedade, Gomes (2003a) apresenta alguns depoimentos presentes em sua tese sobre as experiências em relação ao cabelo e ao corpo negro no ambiente escolar. Destacamos uma entrevistada que relata o dia em que foi à escola com o cabelo alisado, momento em que seus colegas a elogiaram por estar com os cabelos arrumados, em detrimento dos dias em que se apresentava com o cabelo trançado. A autora analisa o episódio, apontando que, apenas no momento em que a entrevistada utilizou o cabelo de forma mais próxima ao padrão “branco”, ou seja, liso, que recebeu elogios e reconhecimento dos colegas. Dessa forma, para os outros, o uso do cabelo de “trancinhas” não é considerado “arrumado”, penteado. Nilma Lino Gomes (2003a) ressalta que o uso das tranças pelos negros é marcado por uma simbologia de matriz africana que adquiriu novos significados no Brasil, além de ser um dos primeiros penteados utilizados pelas crianças negras e destacados pela família. “Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras”. (GOMES, 2003a, p. 117)

Em outro trabalho, a autora resgata a ancestralidade da manipulação do cabelo pelos negros em diversos países africanos, onde as diferentes técnicas e usos representavam símbolos de status e beleza. Dessa forma, destaca que os negros da diáspora, ao utilizarem técnicas complexas e diversos penteados, conservam uma certa inspiração africana, ainda que não seja consciente.

Assim, não é só por mera vaidade ou por não se sentirem satisfeitos com a sua aparência que os negros e as negras dão tanta atenção ao cabelo. Para o homem e a mulher negra, manipular o cabelo representa uma dentre as múltiplas formas de expressão da corporeidade e da cultura, as quais remetem a uma raiz ancestral. (GOMES, 2003c, p. 83)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Percebemos, então, que o cabelo para os negros é mais um dos elementos que compõem o complexo processo identitário. Por isso, Nilma Lino Gomes (2003b) afirma que a identidade negra, no âmbito de sua construção social, é “materializada e corporificada”. Inserido na complexidade e fragmentação da questão identitária, o cabelo é apontado pela autora como aquele que sintetiza a temática, dentre as diversas possibilidades analíticas que o corpo negro apresenta. No entanto, alerta que o cabelo crespo por si só não abarca toda a questão, como parte integrante do corpo, ambos são expressões da negritude e não devem ser pensados isoladamente.

4. *Empoderamento e estética negra*

Partindo da compreensão da complexidade e dos conflitos que envolvem as construções identitárias dos negros, percebemos que a estética negra não figura como padrão de beleza possível, que prima pela branquitude. Dessa forma, a temática se constitui nas relações de poder e nos estigmas étnicos-raciais, que envolvem as relações entre negros e brancos. É neste contexto que a busca pelo empoderamento dos negros, através da estética e a valorização da beleza negra, entra no debate, o que faz necessário apresentarmos breves considerações sobre a questão.

A presença das relações de dominação em várias sociedades é um fato observado no transcorrer da história, manifestado nas mais diversas formas. Ao debater a possibilidade de emancipação dos seres humanos, o tema do “*empowerment*” ou “empoderamento” assume destaque, de acordo Rute Vivian Angelo Baquero (2012). A temática pode ser abordada nos âmbitos individuais e coletivos, no entanto, a autora ressalta que esta é uma categoria ambígua, pois a falta do termo “empoderamento” nos dicionários brasileiros, faz com este seja apresentado em diferentes sentidos. Assim, o termo adquire uma característica polissêmica e complexa.

Segundo a autora, a temática do “*empowerment*” ganhou destaque e maior utilização na segunda metade do século XX, com os movimentos emancipatórios de busca pela cidadania nos Estados Unidos. No entanto, ressalta que, de acordo com Herriger (1997, *apud* BAQUERO, 2012, p. 174), a “tradição do *empowerment*” está enraizada na Reforma Protestante de Lutero, no século XVI, nas ações pioneiras de luta pela justiça social. É importante ressaltar que, para se pensar a temática neste momento histórico, é necessária uma contextualização, visto que, como

aponta Hewitt (2007, *apud* BAQUERO, 2012, p. 175), as repercussões do movimento foram além da religião. Lembremos que, ao questionar a interpretação dominante da *Bíblia* exercida pelo papado, o movimento defendeu e propiciou a livre interpretação das escrituras, com a tradução para o alemão. Assim, para o autor, com certas restrições, a Reforma de Lutero permitiu o empoderamento das pessoas da época, fato impulsionado pela invenção da imprensa por Gutemberg, que alavancou e multiplicou o alcance do movimento, já que a *Bíblia* passou a ser acessível para cada pessoa em suas línguas e dialetos locais.

Em seu trabalho, Kiusam Regina de Oliveira (2008) aponta a versão mais corrente, que adotaremos neste artigo, ao situar a temática do empoderamento junto aos movimentos de lutas pelos direitos civis, pois este é considerado o momento de maior repercussão e visibilidade da temática nas lutas, assim como é apontado por Rute Vivian Angelo Baquero (2012). Dessa forma, o empoderamento é apresentado por Kiusam Regina de Oliveira (2008), como um

[...] conceito complexo que toma emprestado noções de distintos campos de conhecimento. É uma ideia que tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da ‘ação social’ presentes nas sociedades dos países desenvolvidos na segunda metade do século XX. (CARVALHO, 2004, p. 1, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 104)

De acordo com Carvalho (2004, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 104), o conceito passou por diversas mudanças de interpretação. Nas décadas de 70 e 80, por exemplo, através da psicologia comunitária, se ligava às questões de autoajuda. Já na década de 1990, volta-se às questões relacionadas ao direito à cidadania na esfera social. O autor também destaca que a inexistência do termo nos dicionários e a dificuldade do uso da categoria no país, por não existir uma expressão que traduza exatamente o significado de *empowerment*, leva algumas pessoas a utilizar o termo em inglês ou, ainda, a adotar o uso do apoderamento ou emancipação. No entanto, o significado desses conceitos é distinto, apoderar quer dizer “apossar-se” “assenhorar-se”, diferente de emancipação, que significa “tornar livre”.

Outra definição apresentada por Kiusam Regina de Oliveira (2008) é apontada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo a qual o empoderamento se manifesta através do aumento do poder e da liberdade dos sujeitos excluídos ou subordinados.

Empoderamento” é um neologismo que vem da palavra *empowerment* e significa uma ampliação na liberdade de escolher e agir, ou seja, aumento da

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam sua vida. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são excluídos socialmente. (OIT, 2005, p. 81, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 105)

Visto dessa forma, a autora acredita que o empoderamento está ligado à promoção da capacidade de uma análise crítica da sociedade pelos seus membros, que interferem quando julgam necessário, visando eliminar as barreiras impostas socialmente. Este processo se dá através de ações coletivas de aprendizado, reflexão e tomada de decisões, que promovem um verdadeiro aumento do controle da própria vida e da comunidade. Para Kiusam Regina de Oliveira (2008), essas ações acarretam melhorias na qualidade de vida e promoção da saúde, e buscam constituir pessoas solidárias, com uma percepção abrangente de sua sociedade e que atuam nos aspectos que interferem na vida dos sujeitos.

Ao abordar a questão da estética e identidade negra, em especial dos corpos femininos, a autora considera que o empoderamento, através do viés educativo que orienta seu trabalho, confere humanidade à negritude, na medida em que promove a aceitação de seus corpos e sua corporeidade enquanto mulheres e negras. Nesse caso, o empoderamento será orientado pelo reconhecimento das diversas possibilidades históricas do corpo negro, na luta pela proteção e respeito às diferenças e à liberdade humana.

É válido ressaltar as conclusões de Rute Vivian Angelo Baquero (2012), segundo as quais o empoderamento se relaciona com elementos democráticos, participativos e de direitos humanos, mas não se esgota neles. Para além dos conceitos, envolve ações de cunho reflexivo, que têm em vista uma consciência crítica nos diferentes níveis – político, econômico e cultural - que constituem a sociedade e interferem sobre os a vida dos sujeitos. Por isso, a autora acredita que, para ser eficaz, o empoderamento deve atuar tanto nas esferas individuais quanto nas coletivas.

Assim, podemos compreender o empoderamento como um processo de tomada de consciência crítica por parte dos sujeitos, de cunho social e político. Por meio de ações individuais e coletivas, através das quais há um reconhecimento do poder das pessoas, essas últimas passam a lutar para modificar as relações desiguais, discriminatórias e excludentes em sua sociedade. Portanto, acreditamos que o empoderamento está presente na luta dos negros pela igualdade de direitos e oportunidades, na

busca pelo reconhecimento da diversidade do corpo negro, por si mesmos e pelos outros. À luz dos nossos interesses, empoderar é ressignificar as relações desiguais e conflituosas de poder, através de uma visão crítica e de ações, para reconhecer, valorizar e auto afirmar a beleza e a estética negra, em suas diversas formas, e no caso específico deste artigo o cabelo negro.

5. “O pente que te penteia”: análise do episódio de *Sexo e as Negas*

Apoiados nas abordagens teóricas apresentadas, podemos partir para o objetivo deste trabalho, que consiste em analisar alguns momentos do discurso das quatro protagonistas do seriado *Sexo e as Negas* (2014). O ponto central de nossa análise será o processo de empoderamento feminino, observando, em especial, as referências ao cabelo da mulher negra.

Neste contexto, escolhemos o segundo episódio intitulado “O pente que te penteia”, que tem como eixo temático os cabelos e os relacionamentos amorosos, que figuram como os principais dilemas das mulheres, de acordo com a trama. Vale destacar que, neste episódio, as protagonistas Tilde e Soraia se destacam com acontecimentos relacionados aos próprios cabelos, enquanto Zulma e Lia estão envolvidas com questões relacionadas à patroa e à filha, respectivamente. Partindo dessas informações, no primeiro momento, apresentamos as características de cada personagem em relação aos seus cabelos.

As personagens se destacam por possuírem estilos de cabelos comumente associados às mulheres negras. Tilde e Lia mantém os cabelos crespos e cortes curtos, a primeira usa uma tonalidade castanho claro/loiro, geralmente com tranças na raiz e o restante solto e de lado, enquanto a segunda possui fios pretos geralmente penteados de lado. A personagem Soraia também valoriza os fios naturais e crespos, destacados pelo estilo *black power*, pintados com uma cor vermelha vibrante e com muito volume, enquanto a protagonista Zulma usa os cabelos com tranças longas.

Podemos perceber que as personagens utilizam cabelos que fogem ao padrão idealizado de beleza presente em nossa sociedade e, conseqüentemente, pouco divulgado pela mídia. Se tomarmos como exemplo as revistas femininas, tal como Kiusam Regina de Oliveira (2008) nos aponta, perceberemos que nestes periódicos o cabelo é especialmente va-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

lorizado e o discursos e imagens utilizados em relação ao cabelo da mulher negra, como a textura e o comprimento, são idealizados e não representam a grande maioria dos cabelos étnicos das mulheres negras. A autora ressalta que essas questões podem ser percebidas pelo fato das publicações apresentarem como modelo de beleza negra mulheres de pigmentação de pele mais clara, conhecidas pelo senso comum como “mulatas”, “mestiças” ou “morenas”, com cabelos compridos e cacheados, que podem ser usados lisos. A segunda questão destacada é que as negras que, de acordo com a autora, possuem “características fenotípicas quase que originais dos negros africanos”, como cabelo crespo estilo *black power*, não são valorizadas e exaltadas pela sociedade brasileira, que as enquadra em um espaço fora dos padrões estéticos de beleza. Por fim, Kiusam Regina de Oliveira (2008) acrescenta que, na contramão dos padrões, muitas mulheres negras buscam utilizar os cabelos naturais e as tranças como forma de valorização da estética africana, “demonstrando posicionamento político de denúncia e resistência contra a invisibilidade de significantes de cultura negra e dos processos de branqueamento impostos pela sociedade” (OLIVEIRA, 2008, p.30).

Percebemos, então, que as protagonistas não representam a imagem idealizada das mulheres negras e buscam a valorização das características étnicas e da beleza negra, através do uso dos cabelos crespos naturais e de tranças.

Inseridos no contexto de valorização da beleza dos cabelos das mulheres negras, é importante destacarmos a questão da performance apontada por Rogéria Costa de Paula (2014). Segundo a autora, recaem sobre as mulheres negras práticas de vigilância sobre a forma como devem performar seus cabelos, tanto por parte das mulheres brancas como das negras. Há uma cobrança pela utilização dos cabelos naturais, porque, do contrário, a mulher negra não estaria “assumindo” sua negritude. Por esse motivo, a autora questiona e chama a reflexão, “[...] quem pode afirmar que uma mulher negra que faz performance de cabelos “naturais”, com o penteado *black power*, é mais negra e ou assume sua negritude melhor que aquela que alisa o cabelo?” (PAULA, 2014, s/p). Tal questionamento nos parece relevante e merece especial atenção, pois, se é importante valorizar as características estéticas dos negros e desconstruir os padrões de beleza dominantes, também devemos permitir que as mulheres negras tenham a liberdade de escolher as formas e usos para seus cabelos. Não podemos sair de uma relação de poder e de padrão de beleza eurocêntrica, da valorização única do cabelo liso, para pregar a ditadu-

ra do cabelo natural, dado a diversidade da negritude e da constituição da sociedade brasileira.

O seriado conta com a figura do narrador que, através do texto em *off*, contextualiza a trama. Destacaremos dois momentos do episódio em que este recurso é utilizado, e complementado pela personagem Jesuína – uma espécie de segunda voz narrativa –, na rádio comunitária da Cidade Alta de Cordovil, local em que a série é ambientada.

O primeiro trecho é apresentado na abertura do episódio e, durante o texto do narrador, acompanhamos imagens de diversas mulheres em salões de beleza cuidando dos cabelos.

Narrador (off): Nos seres humanos os pelos sobreviveram à evolução como uma forma de nos proteger das agressões externas ao organismo. Mas o cabelo está ali por uma razão, proteger o nosso couro cabeludo contra a excessiva exposição à radiação solar.

Jesuína: Então, a pergunta de hoje é a seguinte: como é que uma coisa que deveria nos proteger pode nos causar tantos problemas? (ARAÚJO, 2015)

Neste ponto, somos introduzidos à função biológica dos cabelos para os seres humanos. No entanto, como vimos, eles adquiriram simbolias e significados em diferentes culturas. No caso específico das mulheres, se apresentam como símbolo de feminilidade e beleza, uma arma de sedução indissociável da figura feminina. Dessas construções surgem os “problemas”, pois, ressignificamos os cabelos para além da proteção do couro cabeludo, já que eles estão ligados à imagem e a estética.

Em um segundo momento, acompanhamos as protagonistas da série examinando seus cabelos em frente ao espelho. Neste momento, o texto nos remete novamente ao cabelo associado à sedução, junto à menção do fruto proibido. Temos, assim, dados que corroboram as primeiras linhas do nosso trabalho, nas quais Michele Perrot (2007) expõe representações do cabelo das mulheres com referências ao pecado, à sensualidade e ao desejo.

Narrador (off): “90% das mulheres ao acordar pela manhã examinam seus cabelos no espelho. Afinal, ele tem sido uma arma de sedução desde o Paraíso. Eu arrisco até a dizer que o cabelo nesse quesito compete com o fruto proibido. Portanto, se o cabelo é uma arma, não permita que essa arma se volte contra você mesma. Porque é fato, 90% das mulheres examinam seus cabelos pela manhã.

Jesuína: Os restantes 10% ou não tem espelho ou perderam qualquer esperança. Bom dia Cidade Alta de Cordovil! Bom trabalho! (ARAÚJO, 2015)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Como abordamos no início da análise, Tilde é uma das protagonistas que se destaca neste episódio com relação aos dilemas sobre o cabelo. Desempregada há três meses, a personagem aparece preocupada com uma entrevista de emprego que terá no dia seguinte, quando percebe que seu cabelo está caindo. O namorado, Vinagre, sai no meio da noite para pedir a ajuda da irmã Gaudéria, que é proprietária de um salão na comunidade. Conhecida também como “gaúcha”, a personagem se destaca por seu posicionamento preconceituoso e racista. Neste momento, ela se recusa a atender o pedido do irmão, devido ao seu “instituto” estar fechado. Assim, é a outra irmã de Vinagre, Bibiana, quem se prontifica a atender Tilde.

No dia seguinte, no bar da Jesuína, descobrimos que, apesar da recusa inicial, Gaudéria ajudou Tilde. Curiosa, a personagem Jesuína questiona a cabeleireira para saber o resultado. Durante o diálogo, percebemos falas discriminatórias e racistas da cabeleireira.

Gaudéria: Tô morta! Consigo nem coar um café, o cabelo da Tilde me deu uma surra. Já disse ao Vinagre, Deus me livre de ter sobrinho com aquela carapinha.

Jesuína: Toma vergonha Gaudéria! Toma vergonha porque o teu pai veio pra cá enrabichado com a nega Verena, depois que tua mãe morreu.

Vinagre: Papai sabia das coisas viu Jesuína!

Gaudéria: E não é à toa que te deu apelido de Vinagre. Papai sabia de tudo. Foi graças à nega Verena que aprendi a lidar com cabelo ruim.

Jesuína: E aí Gaudéria... e o cabelo da Tilde como ficou?

Gaudéria: O cabelo é ruim! Mas eu sou pior que ele Jesuína, eu sou bem pior!

Já no início de sua fala a cabeleireira mostra o seu desgosto diante do relacionamento de seu irmão com uma negra, neste caso, Tilde, e desqualifica o cabelo negro. Segundo Ivanilde Guedes de Mattos (2015), carapinha é também uma referência ao cabelo crespo, do tipo que são mais rentes ao couro cabeludo e que não têm cachos definidos. Gaudéria aponta uma postura racista e discriminatória ao desqualificar o cabelo de Tilde, fazendo um juízo de valor bastante presente em nossa sociedade, no qual a textura do cabelo crespo é percebido como algo ruim. Vale destacar que a personagem Gaudéria é branca, de olhos claros e cabelos loiros, constituindo o padrão de beleza ideal e de “cabelo bom”.

Mais à frente na história, acompanhamos a entrevista de emprego de Tilde e o resultado do tratamento no salão da Gaudéria. A protagonis-

ta aparece com os cabelos castanhos claros alongados, através de um aplique, e cacheados. A responsável pela entrevista, uma negra de cabelos lisos e presos, logo se encanta e elogia os cabelos da moça. Devido ao fato de se apresentar com os cabelos “arrumados”, Tilde consegue a vaga de emprego. Percebemos, neste caso, o que Nilma Lino Gomes (2003a) conceitua como um “patrulhamento ideológico” em relação à estética das mulheres negras, que, principalmente no ambiente de trabalho, devem se enquadrar em normas apropriadas de apresentação. Vale ressaltar que a personagem Tilde faz uma mudança nos fios, que geralmente são crespos, mas, devido à queda, levam-na a fazer uso de um aplique alongando. Neste ponto, a personagem se encaixa no padrão de representação idealizado descrito por Kiusam Regina de Oliveira (2008), de acordo com o qual as mulheres negras, que figuram nas publicações voltadas para o público feminino, utilizam cabelos longos e cacheados, que, embora mais valorizados, não representam a maioria dos cabelos das mulheres negras.

No que se refere à personagem Soraia, o seu dilema é conseguir dinheiro para cuidar do cabelo, que segundo ela está “rebelde” e “cheio de vontade” e “precisa de um carinho”. Por trabalhar como cozinheira para um casal, ela tenta conseguir um adiantamento com os patrões. Os termos utilizados pela personagem ao se referir aos cabelos, nos remetem a “moral estética contemporânea” que impõe aos corpos negros um autocontrole da aparência física, de acordo com Rogéria Costa de Paula (2014). Existe uma necessidade de controle dos cabelos, sejam em sua performance “natural” ou “dominada por meio de artifícios”. Na visão da autora, seja qual for a utilização dada ao cabelo das mulheres negras, envolve trabalho e domínio.

Desse modo, o que parece ser de senso comum é que os cabelos dos corpos negros não podem ser simplesmente soltos sem algum tipo de controle. Ou seja, a performance de cabelo de corpos negros femininos, geralmente envolve trabalho, domínio e controle tanto por parte de quem o usa “natural” quanto por aqueles que usam artifícios de alisamento, por exemplo. (PAULA, 2014, s/p)

Ainda que a personagem use o cabelo *black power* e geralmente solto, fora do ambiente de trabalho, as referências a uma prática que envolve certo trabalho e a noção de que o cabelo está rebelde, a enquadra no processo de controle dos cabelos negros.

Em um segundo momento da personagem, percebemos uma valorização do cabelo crespo e o reconhecimento da beleza negra. Ao chegar na comunidade, Soraia é abordada pelo personagem Lagarto, que demonstra seu interesse por ela e elogia seus cabelos. Assim, o cabelo cres-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

po e *black power* da personagem, figura como elemento de sedução, ainda que não corresponda aos padrões estéticos de um cabelo longo. Vale ainda ressaltar que, neste momento, Soraia não teve a oportunidade de “arrumar” os cabelos. O flerte entre Lagarto e a personagem faz com que os dois deem início a um relacionamento.

Lagarto: Já eu te vejo sempre... Vejo o teu cabelo. Volta e meia eu vejo tu passando, fico só de olho.

Soraia: No meu cabelo?

Lagarto: Ah, me amarro num cabelo assim, acho bonito.

Soraia: Essa semana eu vou dar um trato nele. Tá me cantando Lagarto?

Lagarto: ...Soraia, não mexe no cabelo não...

Soraia: Gosta tanto do meu cabelo assim? (ARAÚJO, 2015)

Vale ainda ressaltar, nessa análise, um outro momento característico da série: os cliques musicais apresentados no final dos episódios, com músicas inéditas. Cantando a música “Cabelo”, as personagens aparecem com perucas estilo *black power*. A letra da canção traz uma mensagem de valorização dos cabelos das mulheres negras e suas diversidades, como nos trechos destacados abaixo.

O pente que me penteava
Já mudou de direção
Chapinha só alisa o pelo
Mas não muda opinião

Estica, hidrata, alisa, alonga
Eu nunca fui a Rapunzel
A minha trança subiu solta
Cresceu vistosa rumo ao céu
Meu cabelo é da hora
Se deixar ele se enrola
Como eu me enrolo em você
Como eu me enrolo em você
Como eu me enrolo

Enrola, estica, hidrata, alisa
Pega o bonde, grita e avisa:
Meu cabelo é o meu poder!

Deixa o meu cabelo voar
Mais rebelde eu sou mais gata
E prometo não lhe arranhar!
Estica, hidrata, alisa, alonga

(Sexo e as Negas, 2016)

A partir dos trechos destacados da música, podemos perceber a mensagem de que o cabelo negro deve ser reconhecido como belo, que ele tem “poder” e deve ser motivo de orgulho. A canção pontua a mudança das mulheres negras que optaram por assumir o cabelo natural (“o pente que me penteava já mudou de direção”), ao mesmo tempo em que mostra que o uso das técnicas para alisar o cabelo, como a “chapinha”, não faz com que a opinião daqueles que veem os negros e seus cabelos como algo inferior, ruim e desprovido de beleza, seja alterada. Como nos é apontado por Nilma Lino Gomes (2003c), o cabelo dos negros é utilizado pela sociedade racista para retirá-los do lugar de beleza, mas esse fato, segundo a autora, é o que demonstra o quanto a estética negra tem destaque na constituição histórica e cultural da sociedade brasileira.

A referência à personagem de contos de fada Rapunzel é utilizada para demonstrar que os cabelos das negras não possuem as características de serem longos e lisos, mas têm a sua beleza através das tranças, recurso esse que, como vimos, é um penteado característico deste grupo étnico-racial, carregado de simbolismo e ancestralidade. Enfim, é ressaltada a necessidade de deixar os cabelos livres (“deixa o meu cabelo voar”) e a beleza do cabelo “rebelde”, que não precisa ser controlado ou enquadrado em nenhum padrão estético idealizado. Há, por fim, uma espécie de celebração da estética negra presente na música.

6. Considerações finais

Através da análise do segundo episódio do seriado *Sexo e as Negras* (2014), que tem como um dos eixos temáticos os cabelos das mulheres negras, podemos perceber uma problematização, seguida de valorização da beleza no cabelo negro.

Em primeiro lugar, é importante destacar que a série dá o protagonismo à quatro mulheres negras, que, através de seus posicionamentos e do uso de seus cabelos, costumam autoafirmar a beleza negra. Fato de relevância em nossa sociedade marcada pelo racismo e o mito da democracia racial, que desapropriam os negros de sua humanidade e inferiorizam sua estética.

Vale ressaltar que a presença e protagonismo das mulheres negras em produções televisivas ainda é pouco expressivo, se comparada à presença maciça desta parcela da população na constituição da sociedade brasileira. As protagonistas do seriado, através de suas representações,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

contribuem para o empoderamento das mulheres negras, ao assumirem cabelos que fogem ao padrão estético idealizado pela sociedade e difundido pela mídia. Ressaltam os cabelos negros crespos, o *black power* e as tranças, comumente inferiorizados.

No desenvolvimento da trama, são expostos discursos construídos socialmente e amplamente difundidos na nossa sociedade, como a regulação de normas de apresentação dos cabelos das mulheres negras, nos momentos destacados das personagens Tilde e Soraia. Além disso, percebemos a discriminação e o racismo em relação ao cabelo crespo e ao corpo negro.

Por fim, entendemos que a representação presente no seriado promove a valorização do cabelo crespo natural. Um tema importante para o empoderamento, a autoafirmação e a eliminação das barreiras excludentes relacionadas à população negra. No entanto, acreditamos que não podemos incorrer na imposição de um novo padrão, para o qual o “modelo” ou “essência” de negritude deva ser reconhecido tão somente nas mulheres que assumem os cabelos naturais ou as tranças. Não podemos buscar a desconstrução dos padrões que inferiorizam o cabelo negro e promover a ditadura do cabelo natural. O empoderamento também está presente no ato das mulheres serem livres para escolher as formas de utilizar suas madeixas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Lucas. YOUTUBE, 2015. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UC_EHPe52IcOjeYHZ1xglow>.
Acesso em: 03-08-2016.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, vol. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>>. Acesso em: 16-08-2016.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 29, n. 1, p. 167-182, jan.-jun. 2003a. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16-08-2016.

_____. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2003b.

_____. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, ago. 2003c. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16-08-2016.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. *Pontos de Interrogação*, Bahia, vol. 5, n. 2, p. 37-53, jul.-dez., 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/1497>>. Acesso em: 16-08-2016.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008-161253>>. Acesso em: 16-08-2016.

PAULA, Rogéria Costa de. Corpo negro – mídiatizações e performances de raça. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade; Dilemas e Desafios na Contemporaneidade, 2012, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2012.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Trad.: Angela M. S. Corrêa. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, p. 49-62, 2007.

SEXO e as Negas. GSHOW, 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas/Extras/noticia/2014/09/um-show-a-parte-assista-ao-clipe-de-cabelo-na-integra.html>>. Acesso em: 16-08-2016.